

Adesistas estão derrubando muro sobre Sílvio

Cerca de 30 parlamentares já aderiram nas últimas horas à candidatura do empresário Sílvio Santos à Presidência da República. Eufórico, seu vice, o senador Marcondes Gadelha, comemora: "O muro está vindo para o nosso lado", referindo-se aos políticos que até agora não tinham uma opção definida por um dos presidentiáveis. Mas não são apenas eles: parlamentares que até há alguns dias atrás estavam nos palanques dos candidatos Fernando Collor, Guilherme Afif, Paulo Maluf e Aureliano Chaves já estão apoiando Sílvio Santos, segundo Gadelha. Ele até arrisca uma previsão: se eleito, Sílvio Santos terá maioria parlamentar.

Gadelha informou que Sílvio Santos deverá participar dos debates programados pelas emissoras de televisão. E justificou: isto pode ser usado como reforço aos pedidos de impugnação de sua candidatura. E também não vai polemizar com seus concorrentes: "Podem bater a vontade. Não vamos brigar. Este é um novo conceito de marketing — quem é líder não briga com quem está em baixo. A Coca-Cola, por exemplo, age assim em relação à Pepsi-Cola".

Gadelha, que era uma espécie de líder informal do 'Governo Sarney' no Congresso Nacional, se esforça para desvincular a candidatura Sílvio Santos do presidente da República: "Trata-se de uma candidatura autônoma". Assegura ele que Sarney "está distanciado do processo sucessório, agindo como um magistrado", apesar dos políticos mais ligados a ele terem articulado a candidatura Sílvio Santos, com o aval do Planalto.

Ex-esquerda — Com um passado identificado com os autênticos do MDB — o grupo parlamentar mais combativo na resistência ao regime militar —, Gadelha rejeita hoje o rótulo de direitista para si e para Sílvio Santos. E faz uma curiosa autodefinição ideológica: "Nós somos liberais e reformistas dentro do sentido modernizador do novo liberalismo. Isto é o que prega, também, Mikhail Gorbachev, a cuja doutrina dou amplo e irrestrito apoio. As ideologias morreram. Como diz Goethe, as teorias são secas, mas a árvore da vida floresce sempre".

Ideologias à parte, Gadelha está arregimentando apoios para Sílvio Santos entre os políticos mais conservadores, a espinha dorsal do antigo Centrão. E não está precisando se esforçar: os telefones de sua casa não param de tocar com parlamentares oferecendo apoio. O 1º vice-presidente da Câmara, deputado Inocêncio Oliveira, que, na semana passada, colloriu, ontem aderiu a Sílvio Santos. O mesmo fez o deputado Milton Reis, do PMDB de Minas Gerais, desembarcando da candidatura Guilherme Afif Domingos e o senador Carlos Alberto, líder do PTB no Sena-

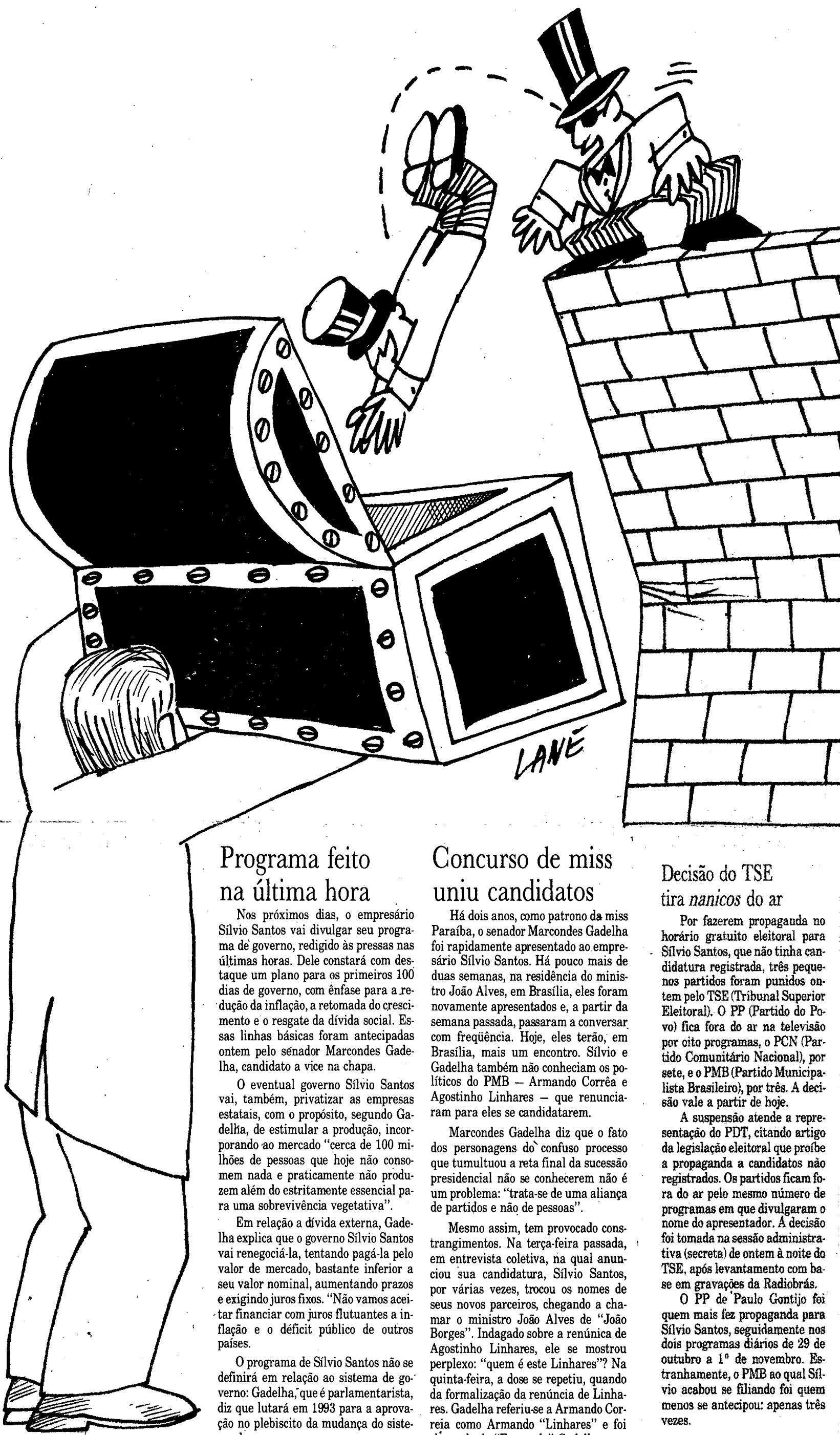
Gadelha, eufórico, acredita que quem não tinha candidato ou não assumiu compromissos se inclina para a mais nova candidatura, com armas e bagagem

do, desmalufando. Animado, Gadelha já prevê que Sílvio Santos terá maioria no Congresso Nacional e reunificará o PFL, hoje completamente rachado, com um forte argumento: "O PFL será governo".

Ele não vê qualquer inconveniente legal ou ético com a entrada de Sílvio Santos no páreo sucessório na reta final sem ter participado de debates e não dispondo sequer de programa de Governo: "A lei é clara. Em caso de renúncia, um novo candidato pode ser lançado até 24 horas antes da eleição". "Do ponto de vista ético, é preciso entender uma coisa: durante seis meses, 22 candidatos usaram abusivamente dos meios de comunicação — todos com planos de governo — e nenhum deles conseguiu convencer a população. Sílvio Santos entrou num vazio e, acima de planos de Governo, vale a credibilidade de quem vai executá-los. E isto ele tem. Tanto é que todas as demais candidaturas, com o simples anúncio de que ele vai concorrer, se desmoronaram tal a sua fragilidade e inconsistência".

Mas qual a consistência de Sílvio Santos, que tem reiteradamente manifestado desconhecimento em questões elementares para quem pretende governar o País? Marcondes Gadelha discorre longamente sobre "o novo mundo produzido pelos avanços tecnológicos e o papel nele desempenhado pela televisão, concluindo que quem domina o veículo e consegue, através dele, transmitir credibilidade é quem hoje se habilita para governar. Ele não sabe avaliar se isto é bom ou ruim — "é a realidade". E mais: como administrador de suas empresas, Sílvio Santos mostrou que tem competência, podendo fazer o mesmo com o País. Para ele, hoje é o tempo da mídia eletrônica: "O Fernando Collor também é produto dela".

Para Gadelha, o povo vai votar em "Sílvio Santos porque o conhece e acredita nele. Ele se expôs ao povo nos últimos 20 anos e se manteve impecável, preservando a sua personalidade durante este tempo todo sem se amarrar e sem perder o vinco".



Programa feito na última hora

Nos próximos dias, o empresário Sílvio Santos vai divulgar seu programa de governo, redigido às pressas nas últimas horas. Dele constará com destaque um plano para os primeiros 100 dias de governo, com ênfase para a redução da inflação, a retomada do crescimento e o resgate da dívida social. Essas linhas básicas foram antecipadas ontem pelo senador Marcondes Gadelha, candidato a vice na chapa.

O eventual governo Sílvio Santos vai, também, privatizar as empresas estatais, com o propósito, segundo Gadelha, de estimular a produção, incorporando ao mercado "cerca de 100 milhões de pessoas que hoje não consomem nada e praticamente não produzem além do estritamente essencial para uma sobrevivência vegetativa".

Em relação a dívida externa, Gadelha explica que o governo Sílvio Santos vai renegociá-la, tentando pagá-la pelo valor de mercado, bastante inferior a seu valor nominal, aumentando prazos e exigindo juros fixos. "Não vamos aceitar financiar com juros flutuantes a inflação e o déficit público de outros países.

O programa de Sílvio Santos não se definirá em relação ao sistema de governo: Gadelha, que é parlamentarista, diz que lutará em 1993 para a aprovação no plebiscito da mudança do sistema de governo.

Concurso de miss uniu candidatos

Há dois anos, como patrono da miss Paraíba, o senador Marcondes Gadelha foi rapidamente apresentado ao empresário Sílvio Santos. Há pouco mais de duas semanas, na residência do ministro João Alves, em Brasília, eles foram novamente apresentados e, a partir da semana passada, passaram a conversar com frequência. Hoje, eles terão, em Brasília, mais um encontro. Sílvio e Gadelha também não conheciam os políticos do PMB — Armando Corrêa e Agostinho Linhares — que renunciaram para eles se candidatarem.

Marcondes Gadelha diz que o fato dos personagens do confuso processo que tumultuou a reta final da sucessão presidencial não se conhecerem não é um problema: "trata-se de uma aliança de partidos e não de pessoas".

Mesmo assim, tem provocado constrangimentos. Na terça-feira passada, em entrevista coletiva, na qual anunciou sua candidatura, Sílvio Santos, por várias vezes, trocou os nomes de seus novos parceiros, chegando a chamar o ministro João Alves de "João Borges". Indagado sobre a renúncia de Agostinho Linhares, ele se mostrou perplexo: "quem é este Linhares"? Na quinta-feira, a dose se repetiu, quando da formalização da renúncia de Linhares. Gadelha referiu-se a Armando Corrêa como Armando "Linhares" e foi chamado de "Fernando" Gadelha.

Decisão do TSE tira nanicos do ar

Por fazerem propaganda no horário gratuito eleitoral para Sílvio Santos, que não tinha candidatura registrada, três pequenos partidos foram punidos ontem pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral). O PP (Partido do Povo) fica fora do ar na televisão por oito programas, o PCN (Partido Comunitário Nacional), por sete, e o PMB (Partido Municipalista Brasileiro), por três. A decisão vale a partir de hoje.

A suspensão atende a representação do PDT, citando artigo da legislação eleitoral que proíbe a propaganda a candidatos não registrados. Os partidos ficam fora do ar pelo mesmo número de programas em que divulgaram o nome do apresentador. A decisão foi tomada na sessão administrativa (secreta) de ontem à noite do TSE, após levantamento com base em gravações da Radiobrás.

O PP de Paulo Gontijo foi quem mais fez propaganda para Sílvio Santos, seguidamente nos dois programas diários de 29 de outubro a 1º de novembro. Estranhamente, o PMB ao qual Sílvio acabou se filiando foi quem menos se antecipou: apenas três vezes.